

Em vez de colecionar misérias, olhemos os fatores positivos

2.º MAI 1988

GAZETA MERCANTIL

Henrique Pedro David de
Sanção (*)

A onda de pessimismo que se abateu sobre o povo brasileiro colocou um véu diante dos olhos, impedindo de ver alguma luz no horizonte, achando que o País é inviável e tudo está perdido. Seríamos simplórios se não reconheçêssemos que atravessamos um período de dificuldades, mas depois da tempestade vem a bonança. Em vez de colecionar misérias e desgraças, vamos procurar fatores positivos que já começamos a enxergar.

Uma das causas atribuídas à atual crise era a nossa dependência do petróleo importado. Hoje, produzimos 50% de nossas necessidades. As descobertas em águas profundas, nos campos de Albacora e Marlin — bilhões de barris —, dão-nos a segurança da independência. A decepção do poço de Nova Olinda, no Amazonas, em 1954, vem sendo substituída pelas gigantescas descobertas de gás, agora uma realidade, nos campos de Urucu. As sondagens no litoral paulista e paranaense assinalam possibilidades semelhantes às da bacia de Campos. Marajó é outra grande esperança.

Defendemos a tese de que podemos e seremos um dos grandes produtores e exportadores de papel e celulose. A rapidez da formação das nossas florestas (de seis a dez anos) em comparação com sessenta a setenta anos nos países nórdicos e a alta tecnologia que já dominamos na sua fabricação, aliada à capacidade de produzir praticamente todos os equipamentos para sua instalação, assim nos permitem pensar. Inúmeros projetos de criação e expansão de novas fábricas, com financiamento assinado e em via de realização, irão em breve dobrar a produção, em torno de 5 milhões de tone-

ladas. E os nossos preços são altamente competitivos nos mercados internacionais.

Fenômeno semelhante dá-se com o alumínio. Ele é basicamente função da energia elétrica. As grandes fontes geradoras disponíveis estão no Norte do País (só o Xingu pode produzir duas Itaipus, 20 milhões de kW) e junto às reservas de bauxita. Muitos países como Japão, Itália, etc. já não se interessam em produzi-lo com eletricidade gerada pelo petróleo; preferem importá-lo.

O Brasil, na época colonial, foi o maior produtor de ouro. Tornamos a redescobri-lo, numa abundância nunca antes imaginável. O garimpo é a forma mais ineficiente de sua exploração; a evasão por contrabando é enorme; há um grande desperdício e os garimpeiros acabam miseráveis e doentes, beneficiando-se uns poucos aproveitadores. Existem grupos nacionais e estrangeiros dispostos a "joint-ventures" para explorá-lo racionalmente. Isso permitiria aumentar as nossas divisas com algumas de-

nas, ou até centenas, de toneladas de ouro anualmente.

Nosso parque automobilístico é importante, e a indústria de autopeças não só é bem desenvolvida como também sofisticada tecnologicamente. Uma melhor definição de uma política do governo permitiria sua expansão, aumentando as exportações, que já são um dos fatores positivos na nossa balança.

Na área agrícola há uma verdadeira revolução. Em pouco tempo saltamos de 40 milhões de toneladas de grãos para 65 milhões e há quem diga que podemos neste ano alcançar 70 milhões; não foi nenhum milagre, deveu-se à expansão da área cultivada, mas também muito ao aumento de produtividade.

Outro fator extraordinário deve ser registrado. Durante séculos os nossos cerrados eram considerados inaproveitáveis. Derrubavam-se florestas e deixava-se o cerrado de lado. Aprendemos a utilizá-lo, e com a vantagem de dar duas e até três colheitas por ano.

A conquista do nosso ter-

ritório começou com os Bandeirantes nos séculos 17 e 18, mas a marcha para o Oeste foi sempre encarada como uma necessidade. E ela está caminhando com uma grande rapidez. Na divisão de Mato Grosso em dois estados, que poderia prejudicar o do norte, deu-se o contrário. Este está sendo rapidamente conquistado e também Rondônia.

Muitos continuam a achar que devemos ser uma ilha, isolada do mundo exterior, sendo auto-suficientes, repelindo a vinda de capitais e tecnologia estrangeiros e achando, apesar do péssimo exemplo das empresas por ele administradas, que o Estado é quem deve ser o grande "patrão". Infelizmente, esses conceitos, rejeitados até pelos países socialistas, estão enraizados não só no povo, mas, por incrível que pareça, em muitos representantes de intelectuais, políticos, economistas, etc. Essa realmente é a grande barreira que temos de derubar; é um atavismo que vem do tempo colonial. O último exemplo dessa men-

talidade foi o rompimento unilateral com a comunidade financeira internacional, com a declaração da moratória, isolando-nos ainda mais.

Tanto os bancos quanto as nações industrializadas têm todo o interesse e necessidade de auxiliar os grandes devedores a sair do impasse criado pelas suas dívidas. Mas precisamos ter confiança nas suas boas intenções. Estamos esperançosos de que o ministro Mailson da Nóbrega consiga acertar com nossos credores um acordo, restabelecendo a confiança em nosso país. Isto feito, haverá condições não só de recebermos de governos e instituições oficiais financiamentos para obras de caráter urgente na nossa infraestrutura mas também de atrair novos investidores.

Uma política mais aberta no comércio internacional permitirá aumentar o volume de nossas transações. O comércio é uma via de duas mãos; se a 1ª a - mos rapidamente de 2 a 3 bilhões de dólares de exportação e importação para 20 a 25 bilhões. Mas estaciona-

mos a exportação em 25 a 26 bilhões de dólares e diminuímos as importações para 12 a 13 bilhões. Se aumentarmos para 40 a 50 bilhões as exportações, podemos continuar a procurar saldos de 12 até 15 bilhões por ano, mas seremos também grandes compradores.

Para esse crescimento, há necessidade de expansão e modernização do nosso parque industrial. E uma falácia o argumento de que a exportação prejudica o mercado interno.

A retomada da economia irá permitir maior arrecadação para o governo sem aumento de impostos e muitos cargos públicos hoje disputados por falta de outra opção serão extintos automaticamente pela oferta mais interessante da iniciativa privada.

A nosso ver, é de importância vital reverter as expectativas. Somos um país rico, cheio de oportunidades. Já caminhamos muito nestes últimos cinquenta anos; mais do que a maioria das outras nações; não vamos agora esmorecer.

(*) Vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.